

PLATÃO, OS SOFISTAS E UMA NOVA VISÃO DO SER

Por Leandro Laube*

Para Platão e outros de seu tempo, os sofistas não passavam de charlatões mais preocupados em demonstrar suas desenvolturas argumentativas e, com isso, conquistar mais jovens seguidores, do que com a defesa de alguma verdade ou ciência. Platão, no "Sofista"¹, busca desmascarar esses mestres dos simulacros, esclarecendo sua verdadeira face; mas, embora ocorrendo em primeiro plano, esta não é a questão mais importante do diálogo: ao fundo, é lançada uma visão revolucionária, até então, do Ser.

Historicamente, os sofistas surgiram no final da época pré-socrática e foram contemporâneos de Platão e Aristóteles. Ganharam força em Atenas, quando, sob o governo de Péricles (460² a 429 a.C.) e após a retirada do exército persa de Xerxes³, essa *polis* passou por um período de grande progresso social, intelectual e artístico, o que provavelmente tenha levado o cidadão ateniense a preferir direcionar seu pensamento para formas mais *concretas* de raciocínio, relacionadas à vida prática (em especial à política), do que àquelas apresentadas pelas abstrações pré-socráticas acerca da essência do mundo.

Platão (427 a 347 a.C.) possivelmente tenha sido um dos mais ferrenhos inimigos da sofística, refutando-a veementemente e apanhando seus artífices em "flagrante delito de indignidade, de malícia, e finalmente de ignorância" (TRUC, 19??, p. 49). O maior problema que se apresenta ao estudo dos sofistas é o fato de serem raros os registros; em sua maioria, não mais do que alguns fragmentos, em especial de Protágoras e Górgias. Além do quê, foram justamente seus adversários os que mais escreveram sobre eles, o que compromete qualquer análise que se venha a fazer.

Para Platão, assim como para Aristóteles e outros tantos gregos ilustres, os sofistas são aqueles que detêm uma sabedoria apenas aparente, mestres da

* Leandro Laube é graduado licenciado em Filosofia pela FACEL, especializando em História do Brasil pelo CPGEx-Universidade Bezerra de Menezes

¹ PLATÃO. "Sofista". Os Pensadores – v. III; trad. Jorge Peleikat e João Cruz Costa. 1ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1972. pp 135-203

² O ano de início do governo de Péricles não é um consenso entre os estudiosos. Referencialmente, adotou-se aqui a versão apresentada por Gaston Maire (MAIRE, 1991. pp. 113-114)

³ No contexto das Guerras Greco-Pérsicas, Atenas liderou a Confederação de Delos que, em 478 a.C., impôs derrota decisiva sobre a frota naval persa na batalha de Salamina. Sem o apoio de sua frota, o exército persa foi forçado a retirar-se do território grego.

retórica e de amplos conhecimentos, dominadores da erística⁴ e dispostos a vender suas habilidades a quem lhes puder pagar. Provavelmente por isso mesmo tenham sido considerados representantes dos males democráticos – dentre eles o pior de todos, a demagogia –. Além do mais, Platão era favorável à aristocracia, mostrando-se abertamente contrário a um sistema político baseado em opiniões gerais.

Por outro lado, há pensadores que resgatam a imagem sofista, através de uma análise sob outro enfoque da proposta desse discurso. Tal resgate é mesmo possível, até porque muitos os consideram como os primeiros mestres da pedagogia democrática.

Seja como for, não faz parte da proposta do presente artigo analisar ou avaliar a validade ou não do discurso sofista. Faz, sim, discorrer sobre as teses platônicas a respeito dessa técnica; notadamente a sexta, a última das definições apresentadas no “Sofista”.

O “Sofista” – datado de cerca de 367 a.C. –, na verdade, é uma continuidade do “Teeteto”, transcorrendo no seu dia seguinte e contando com os mesmos personagens, mais o Estrangeiro de Eléia. Ou seja, participam quatro indivíduos: Teodoro, Sócrates, Teeteto e o eleata. Teodoro inicia o diálogo dirigindo-se a Sócrates, mas é o estrangeiro quem expõe as seis definições do sofista apresentadas no texto, dialogando com Teeteto – o mais jovem dos presentes –, a partir de uma sugestão de Sócrates.

Então, “fiéis ao compromisso de ontem” (216a), é Teodoro quem abre o diálogo e apresenta a Sócrates um estrangeiro vindo de Eléia, conhecido de Zenão e Parmênides. Esse estrangeiro não é identificado, o que causa uma certa estranheza ao leitor, uma vez que, certamente, deve haver um grande motivo para que ele guie o diálogo, papel normalmente reservado a Sócrates.

Partindo do pressuposto de que o único ponto inquestionável para todos ali, até aquele momento, é o nome dado ao objeto do debate – *sofista* (218b) –, o estrangeiro propõe que se proceda à sua definição, de modo que os presentes saibam inequivocamente sua natureza. Mas, essa definição não vem de pronto; o estrangeiro, antes, promove uma espécie de *aquecimento* intelectual, cujo modelo será empregado nas análises vindouras.

Tendo como ponto de início a idéia acertada entre o eleata e Teeteto de que se trata de uma arte (219a), o estrangeiro vai subdividindo cada aspecto em outros

⁴ Arte de defender simultaneamente teses contraditórias.

dois, tomando aquele de interesse à apreciação e o subdividindo novamente; e assim, após uma análise dicotômica de cada possibilidade anterior, segue-se até chegar ao foco da questão: o pescador com anzol.

(...) consideradas as artes no seu todo, uma metade inteira era a aquisição; na aquisição havia a arte de captura, e, nesta, a caça. Na caça, a caça aos seres vivos, e nesta a caça aos aquáticos. Da caça aos aquáticos, toda a última divisão constitui-se da pesca, e na pesca, há a pesca vulnerante e nela a pesca por fisga. Nesta última, a que golpeia para cima, por tração ascendente do anzol, recebeu o nome de sua própria maneira de proceder: chama-se aspaliêutica, ou pesca por anzol – e esta era a própria forma que procurávamos. (221b-c)

Com essas palavras, o Estrangeiro de Eléia conclui o processo de iniciação à discussão que se seguiria e ainda lança a base para sua exposição. O sofista, já de antemão, está demarcado como um pescador e a aclaração viria logo depois.

Estando Teeteto e o Estrangeiro de Eléia em acordo no que se refere a não se tratarem, de forma alguma, os sofistas de meros leigos – seria impossível a um ignorante pronunciar-se com a segurança e a propriedade características dos sofistas –, durante a condução do diálogo, então, o eleata propõe as seis caracterizações desse *técnico*:

Primeira – *Caçador interessado de jovens ricos* (222a-223b): Voltando à linha dicotômica apresentada – que levou ao pescador –, o estrangeiro inicia a avaliação no ponto em que a caça divide-se entre os seres inanimados e os vivos e estes em aquáticos e terrestres. Pois bem, em um novo caminho nessa bifurcação, o Estrangeiro de Eléia agora segue pela trilha da caça aos animais terrestres, classificando-os em selvagens e domésticos, estes sendo capturados de forma violenta (aprisionamento, p.ex.) ou pela arte da persuasão. Pelo convencimento pode-se atingir uma coletividade ou um indivíduo e este pode ser conquistado por amor ou no intuito do lucro, com a finalidade da lisonja e satisfação de vaidades.

Segunda – *Comerciante por atacado das ciências* (223b-224d): O eleata admite a imprecisão da primeira definição, que não dá conta de toda a complexidade encerrada na sofística. Assim, voltando praticamente ao início do mapa, ao ponto em que a aquisição divide-se em troca ou captura, busca uma nova abordagem, subdividindo a troca em uma parte com a finalidade de presentear e outra visando dinheiro. Seguindo o raciocínio, sempre com duas possibilidades, o estrangeiro informa que uma parcela das trocas comerciais são feitas com o fruto do

próprio trabalho, enquanto outra é comercializada por terceiros, tanto dentro da cidade de origem (no varejo), quanto de uma cidade a outra (importação e exportação). Mas, também os importados podem ser destinados ao corpo (alimentos e ferramentas, p.ex.) e à alma (artes e entretenimento, p.ex.). Assim, as feitura relativas à alma são classificadas naquelas com a finalidade de divertir (arte da exibição) e nas ciências; e estas, por sua vez, dividem-se em vinculadas ao desenvolvimento de técnicas ou de virtudes. Ora, eis aí a segunda definição do sofista: aquele que troca o conhecimento por dinheiro, da mesma forma que um comerciante vende frutas ou legumes.⁵

Terceira e quarta – *Pequeno comerciante de primeira ou de segunda-mão* (224d-225a): Aqui, a terceira e quarta definições estão juntas, e comportam aqueles comerciantes que vendem o conhecimento de sua própria produção ou de terceiros – no varejo.

Quinta – *Erístico mercenário* (225a-226a): Para chegar à erística, o eleata volta à captura, classifica suas partes em simples rivalidade ou em combate, este podendo ser por meio do uso da força física ou por intermédio da contestação. Por sua vez, a contestação apresenta-se como judiciária ou contraditória. A erística e a contestação casual, especializada em contratos, e sem arte – para a qual nem Platão nem seus antecessores deram um termo, pois pareceu-lhes sem importância naquele momento – são parte integrante da contestação contraditória e a erística subdivide-se em uma parte sem a pretensão do ganho financeiro, enquanto sua outra metade tem exatamente tal ganho como objetivo final. Mais uma vez chegasse, então, ao sofista: Um erístico que vende seus préstimos em disputas privadas.

Contudo, mesmo após essas cinco tentativas de encerramento do sofista, a presa parece escapar por entre as sombras. O Estrangeiro de Eléia dá o tom da dificuldade na definição do sofista, em virtude da multiplicidade da atuação deste. Então, propõe uma sexta delimitação, muito mais profunda, meticulosa e abrangente, que é o objeto de estudo do presente artigo: O *refutador* (226a).

Platão emprega o método dialético, que consiste em uma argumentação dialogada, indo de dicotomia em dicotomia até a resposta final. Ele considera que, a partir da dialética, uma definição somente será verdadeira se permitir o seu reverso; ou seja: se todo A é B, então todo B é A. E é precisamente aí que reside a falha das

⁵ Platão seria tomado pela incredulidade, se pudesse supor, em sua época, o papel de mera mercadoria muitas vezes dado ao conhecimento em nosso tempo. Vinte e tantos séculos mais tarde, não há como negar que os saberes recebem o mesmo tratamento dedicado às frutas e legumes...

cinco primeiras definições do sofista. Muito embora no âmbito da presente dissertação não tenha sido dedicado maior espaço a essas definições, ainda assim é evidente que se mostraram ineficazes na resolução do sofista, porque não corresponderam ao pressuposto $A \text{ é } B \text{ e } B \text{ é } A$.

Se não, vejamos, primeiramente recapitulando as definições: caçador interesseiro de jovens ricos, comerciante por atacado das ciências, pequeno comerciante de primeira ou de segunda-mão – terceira e quarta apresentadas juntas – e erístico mercenário. Ora, em nenhuma delas é possível fazer-se o caminho de ida e volta mantendo-se a verdade. Ou seja: todo sofista é um *caçador interesseiro de jovens ricos* (p.ex.), mas nem todo *caçador interesseiro de jovens ricos* é um sofista. Então, como neste caso todo $A \text{ é } B$, mas nem todo $B \text{ é } A$, a delimitação não corresponde à verdade e, portanto, deve ser descartada por não se mostrar conclusiva. Da mesma forma, todas as demais definições apresentadas.

Nesse caso, poder-se-ia afirmar precipitadamente que as cinco primeiras tentativas foram inúteis e que poderiam ter sido suprimidas. Contudo, o papel delas é bastante relevante, na medida em que preparam o terreno para o verdadeiro embate e vão eliminando as possibilidades mais superficiais, aquelas ao alcance de todo mortal, mesmo aos ditos *ignorantes*. A delimitação do sofista vai além da própria questão em si, como pode ser observado; motivo pelo qual mostrou-se importante, naquele primeiro momento, a inquietação das sucessivas frustrações, com o intuito de apurar o raciocínio e a perspicácia – esta, por sinal, a principal ferramenta do sofista.

Da quinta definição (erístico mercenário) sai a sexta: o refutador. A mais plausível das apresentadas até então, traz um problema delicado: a refutação, por seu caráter *purificador*, é demasiado elevada para ser conferida como arte dos sofistas. Note-se que, nessas seis definições, a dialética manteve-se no nível da realidade humana, o que se mostrou insuficiente. A partir da primeira recapitulação (231c ss), no entanto, como um mergulhão⁶ que sobe ainda mais para melhor localizar sua presa, parte-se de mais alto, do nível metafísico, descendo novamente ao plano humano onde encontra-se o alvo. Nessa descendência dialética surge uma sétima definição, embutida na sexta, onde, enfim, encontra-se o sofista: o imitador do sábio e produtor de simulacros (268c-d).

⁶ Espécie de ave pescadora, que, do alto, sobre as águas, avista sua presa e lança-se, com as asas jogadas para trás, em um mergulho certo.

No entanto, para chegar-se a tal conclusão, foi necessária uma grande aventura pelo reino do ser e do não-ser – coisa impensável a um de seus mais importantes idealizadores, Parmênides –, a partir da necessidade de comprovação da existência do erro e da falsidade. Ora, embora Platão tenha sido muito fortemente influenciado pelas idéias parmenidianas, motivo pelo qual menciona, através de outro eleata – o Estrangeiro –, um ataque frontal àquele que seria como que seu pai, não há como desmascarar o sofista e seus arremedos sem a devida demonstração de que realmente existem tais simulacros – não existindo simulacros, não há sofistas –. Então, não há outro caminho que não avançar por sobre os avisos de *não prossiga*: “para defender-nos, teremos de necessariamente discutir a tese de nosso pai Parmênides (...)” (241d) ou “(...) é chegada a hora de atacar a tese de nosso pai (...)” (242a).

Embora possa parecer, em um primeiro contato com o diálogo, deslocada a discussão em torno do ser e do não-ser, isso se mostra falso, na medida em que do ciclo sofista-imagem-ser-sofista nasce um novo debate que, segundo JEANNIÈRE, é fruto de uma renovação do pensamento de Platão, após sua segunda viagem a Siracusa⁷, em 367a.C. (JEANNIÈRE, 1995, p. 95). Esta renovação mostra-se, além de na questão do ser, também em como Platão elabora seus diálogos, agora de forma hipocrática⁸, que consiste precisamente no modo dicotômico de conduzir as análises. Provavelmente através de Filístion⁹ Platão tenha tomado contato com tal método, passando a empregá-lo posteriormente.

Ao que tudo indica, no “Sofista” há a primeira experiência de Platão na análise do próprio ser; ou seja, “até então, Platão tinha falado daquilo que é, sem ter refletido no que é o ser” (JEANNIÈRE, p. 97). Passa a haver, então, uma clara demarcação dos limites do termo *ser*, tanto no sentido de *o existente* quanto no de *a própria existência*.

Note-se, também, que, ao que parece, além de elucidar a questão, definindo os sofistas como mentirosos e falsários, Platão ainda aproveita para lançar as pedras de pavimentação ao caminho do “Filósofo”, diálogo que viria a seguir, em especial quando menciona a divindade destes – “Quanto ao filósofo, é à forma do ser que se dirigem perpetuamente seus raciocínios, e é graças ao resplendor dessa

⁷ Platão retorna a Siracusa a pedido de Dion. A primeira viagem foi em 388-387 a.C, com uma terceira em 361 a.C.

⁸ De Hipócrates de Cós, filósofo grego que viveu entre 490 e 430 a.C e acreditava que a moderação era o segredo da boa saúde. É considerado o pai da medicina

⁹ Filósofo-Médico seguidor de Hipócrates

região que ele não é, também, de todo fácil de se ver. Pois os olhos da alma vulgar não suportam, com persistência, a contemplação das coisas divinas” (254a) –, em contraposição à obscuridade daqueles – “Este se refugia na obscuridade do não-ser, aí se adapta à força de aí viver; e é à obscuridade do lugar que se deve o fato de ser difícil alcançá-lo plenamente, não é verdade?” (254a) –.

Então, o “Sofista” termina com uma série de conquistas muito significativas:

- a) O sofista foi encontrado e muito bem delimitado em sua obscuridade e na de seu reino, garantindo não só que possa ser identificado, como ainda separado do filósofo, com o qual freqüentemente é confundido;
- b) Foi iniciado o processo que indicaria uma justa-medida na nova *polis*, defendida através do diálogo seguinte, o “Político”;
- c) Foi chamada a atenção e preparado o terreno para o “Filósofo”, que se seguiria ao “Político”;
- d) Foi dado um novo sentido à palavra *ser*;
- e) Foi superada a idéia parmenidiana de que *o ser é e o não-ser não é*, o que garantiu o avanço e a solidez das idéias de Platão;
- f) Foram lançadas luzes sobre a *alteridade*, o outro de si mesmo, levando a discussão para além da *identidade*.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BRUN, J. **Os Pré-Socráticos**. trad. Armindo Rodrigues. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991.
- CHAUÍ, M. **Introdução à História da Filosofia – Vol. I**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- JEANNIÈRE, A. **Platão**. trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- MAIRE, G. **Platão**. trad. Rui Pacheco. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991.
- McNEILL, W. **História Universal – um estudo comparado das civilizações**. trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo/Universidade de São Paulo, 1972.
- PLATÃO, **Alcíades I e II**. trad. F.L. Vieira de Almeida. Lisboa: Editorial Inquérito, 19??
- _____. **Sofista**. Coleção Os Pensadores. trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 1ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1972. pp 135-203.
- SOARES, A. J. **Dialética, Educação e Política: uma releitura de Platão**. São Paulo: Cortez, 1999.
- TRUC, G. **História da Filosofia – O drama do pensamento através dos séculos**. trad. ? Porto Alegre: Globo, 19??.
- Pré-Socráticos**. Coleção Os Pensadores. sup. Prof. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 2000.